

GÊNEROS DISCURSIVOS ORAIS: UMA PROPOSTA DE ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E METODOLOGIAS DE ENSINO

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (UNIOESTE)¹
SWIDERSKI, Rosiane Moreira da Silva (PG – UNIOESTE / Fundação Araucária)²

RESUMO: Ao tomarmos os gêneros discursivos como de estudos, observamos a necessidade de desenvolver uma pesquisa sobre a relação entre a formação docente de professores de língua portuguesa (LP) e as propostas de trabalho didático com gêneros orais. Para tratarmos da noção de gêneros discursivos orais, estamos considerando-os como instrumentos de interação verbal, utilizados em diversos campos da comunicação humana e que apresentam características relativamente estáveis. Acreditamos que o ensino de gêneros orais, principalmente, os da comunicação pública formal, podem contribuir para a compreensão sobre a relação entre as práticas orais e escritas, bem como para a formação de sujeitos capazes de utilizarem esses instrumentos, com certo domínio, em diversas situações da comunicação humana. Vale salientar que os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) prescrevem como objeto de ensino de LP, os enunciados concretos e, nesse contexto, destacam, como um dos eixos de ensino, a oralidade. Entretanto, no que se trata de publicações sobre gêneros orais e, principalmente, desse tema voltado ao ensino sistematizado de LP, pouco encontramos. Com base nessa constatação, buscamos investigar propostas e resultados de trabalhos científicos e didáticos sobre a formação docente, inicial e continuada, de professores de LP, no que tange a um trabalho, no âmbito da escola, com gêneros orais. Este estudo faz parte do Projeto de Dissertação “Formação docente em Língua Portuguesa: os gêneros orais como objeto de ensino-aprendizagem”, vinculado à Linha de Pesquisa *Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino*, do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Letras – da Unioeste – campus de Cascavel/PR.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Discursivos Orais; Formação de Professores; Língua Portuguesa; Metodologias de Ensino.

1- Introdução

No processo de formação inicial ou continuada do professor de LP, o trabalho com a escrita é focalizado em quase todos os conteúdos trabalhados, ressaltando-se a importância de se trabalhar com a leitura, a produção e a análise linguística de texto

¹ Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras – nível Mestrado - da Unioeste, área de concentração: Linguagem e Sociedade e do Curso de Letras da UNIOESTE – Campus de Cascavel.

² Mestranda do Curso de Letras, vinculada à Linha de Pesquisa: *Linguagem: práticas linguísticas, culturais e de ensino*, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Bolsista da Fundação Araucária.

escritos. Portanto, há uma ênfase grande no sentido de orientar o futuro ou já professor de LP no trabalho com a escrita na sala de aula.

E quanto ao trabalho com a oralidade? Como ela é abordada? Qual a ênfase que os formadores têm dado ao trabalho com o oral?

Parece-nos que as atividades que envolvem a oralidade têm ficado em um segundo plano em relação à escrita, tanto nos momentos de formação docente, como no próprio processo de ensino-aprendizagem. O oral parece não ser abordado e quando isso é feito, trata-o como fragmentos de respostas a questões elaboradas pelo professor ou pelo livro didático em relação a um texto lido: “O que você entendeu do texto?”; “Você concorda com as ideias do autor?” A resposta dada pelo aluno é compreendida como exercício da oralidade.

Se a proposta de trabalho com a língua escrita se sustenta, hoje, conforme prescrevem os documentos pedagógicos que orientam o ensino de LP, em práticas discursivas, estariam o ensino da oralidade recebendo o mesmo tratamento? Se para o trabalho com a língua escrita numa perspectiva discursiva, tem-se proposto os gêneros como objeto de ensino, os gêneros orais estariam sendo propostos para o trabalho com a oralidade?

Na perspectiva de refletir sobre esses questionamentos, apresentamos, ao Programa de Pós-graduação em Letras – nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, uma proposta de pesquisa, a qual intitulamos como: “Formação docente em Língua Portuguesa: os gêneros orais como objeto de ensino-aprendizagem”. Este projeto orientará a produção da dissertação e é sobre este propósito investigativo que discorreremos neste texto.

Para isso, inicialmente traçaremos considerações sobre o problema que moverá a pesquisa, o qual consiste em responder como os gêneros orais estão sendo trabalhados com professores e futuros professores que frequentam curso de formação inicial e continuada em LP; em seguida, destacaremos a importância da pesquisa no âmbito do ensino da LP; e, finalmente, descreveremos a metodologia que orientará a coleta de dados na pesquisa.

2 - Formação Docente em Língua Portuguesa: Investigação sobre o Ensino/Aprendizagem de Gêneros Orais

Ao realizar um levantamento sobre o ensino da LP no Brasil, é possível apreciar três abordagens teóricas que refletem o desenvolvimento dos estudos linguísticos: (1) língua como meio de expressão do pensamento (ou Subjetivista Idealista, conforme Bakhtin/Volochinov, 2006); (2) língua como instrumento de comunicação (ou Objetivista Abstrata, segundo Bakhtin/Volochinov, 2006); (3) língua como atividade de interação social e produção de discurso (conforme proposta desses autores).

De modo sucinto, vale pontuar que a primeira defende a tese da língua como instrumento de criação individual à luz de uma perspectiva subjetiva idealista e a segunda preconiza um estudo pautado na auto-suficiência do sistema linguístico, prevalecendo uma perspectiva estruturante/abstrata. Sobre a primeira e segunda concepção de língua, a grande crítica é construída por Bakhtin/Volochinov (2006), que apontam, dentre as contribuições de cada estudo, o *próton pseudos* de cada abordagem, observando que: (1) o subjetivismo idealista considera como objeto de estudo o ato de fala individual (a *parole*), ao buscar explicar as leis da criação linguística, considerando apenas as condições da vida psíquica individual do sujeito falante (mundo interior); (2) já o objetivismo abstrato rejeita o ato de fala como objeto de estudo, por continuar compreendendo que este se trata, no sentido estrito do termo, de uma ação individual, somando-se a esta postura, a separação da língua do conteúdo ideológico (histórico-social). De acordo com Bakhtin/Volochinov (2006), ao tomar essa postura, a Linguística tem como objeto de investigação o Sinal e não o Signo, pois o Signo é por natureza ideológico e, portanto, remete a algo situado fora de si mesmo, ou seja, o sentido não está na natureza psicofisiológica (subjetivismo idealista) ou no seu corpo físico (objetivismo abstrato), mas na natureza social e, portanto, não é possível negar, num estudo da linguagem, os efeitos dos fatores sócio-históricos e ideológicos.

Adotando-se a compreensão bakhtiniana de língua, os estudos atuais na área da Linguística (mais precisamente da Linguística da Enunciação), principalmente, no que concerne ao ensino, passam a investigar os enunciados concretos, numa perspectiva dialógica, segundo uma concepção sociointeracionista e discursiva de linguagem. No Brasil, essa concepção começa a ser difundida com o enfraquecimento do Regime Militar, em 1979, pois nesse período, houve um aumento de cursos de pós-graduação, fator que propiciou uma requalificação na formação de docentes e pesquisadores, conforme relatam as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa – DCE (PARANÁ, 2008).

As bases da concepção sociointeracionista e discursiva de linguagem, e histórico-crítica de ensino são tomadas como ideais na fundamentação dos PCN de LP, publicados em 1998, e das DCE de LP, publicada oficialmente em 2008. No primeiro documento, o ensino de língua tem como objeto de ensino o texto num sentido amplo, ou seja, que se refere tanto aos aspectos da constituição como da materialidade do dizer, mas percebemos a inserção de alguns conceitos da concepção sociointeracionista e discursiva como a de enunciados concretos, chegando-se a mencionar, em alguns momentos, a palavra gêneros. Já no segundo documento, passa-se a preconizar abertamente, como objeto de estudos, os gêneros discursivos, e um ensino sobre o uso e a função do texto e do discurso em distintas situações de prática social. O discurso, portanto, é adotado como “conteúdo estruturante” do ensino da LP.

Da mesma forma, na região oeste do Paraná, com a publicação do Currículo

Básico para a Escola Pública Municipal – anos iniciais do ensino fundamental – CBEPM (AMOP, 2007), adotou-se os gêneros como objeto de ensino de LP, compreendida pela concepção sociointeracionista da linguagem.

Implicitamente à delimitação desses objetos e objetivos do ensino de LP que apontam os PCN, as DCE e o CBEPM, está à necessidade de transpor, para uma prática pedagógica – que ainda tem no ensino da gramática prescritiva o objetivo de ensinar/aprender o modelo ideal de uso da língua – uma prática de ensino a partir de atividades de leitura, produção e análise linguística de enunciados concretos (gêneros discursivos, orais e escritos) e não mais de palavras e frases descontextualizadas de sua natureza sócio-histórica, conforme postula Bezerra (2007).

Nesse sentido, já são volumosas as publicações destacando aspectos teóricos na perspectiva de subsidiar o professor no trabalho com os gêneros na sala de aula, assim como despontam alguns encaminhamentos didáticos nessa mesma direção, todavia voltados para gêneros escritos. Então, os questionamentos que norteiam o presente estudo são: como está sendo proposto o trabalho com gêneros orais em cursos de formação inicial e continuada de professores de LP? E, como este conhecimento está sendo compreendido e transposto, didaticamente, pelos futuros e/ou efetivos professores de LP?

Diante desses questionamentos, a pesquisa que será desenvolvida está orientada pelo seguinte objetivo: Investigar, no trabalho de formação docente, inicial e continuada, em LP, a compreensão sobre a abordagem com gêneros orais na sala de aula, de futuros e/ou efetivos professores de ensino fundamental e médio.

Acreditamos que, para chegarmos a essa compreensão, é necessário: (a) estudar os princípios que orientam a formação inicial e continuada sobre gêneros orais e suas propostas de ensino; (b) identificar qual é a compreensão e o conseqüente planejamento, no âmbito da escola, de um trabalho com gêneros orais; (c) analisar se o trabalho que vem sendo planejado responde aos princípios de uma concepção sociointeracionista e discursiva de língua(gem) e à teoria dos gêneros discursivos. Após, essa investigação, de posse dos resultados, se necessário for, estaremos propondo possíveis encaminhamentos de trabalho com gêneros orais na sala de aula.

3 - Sobre a Importância desta Pesquisa

Compreendemos que uma prática orientada pela dinâmica estudo da gramática prescritiva para aprender a ler e a escrever conforme a norma privilegiada de língua não propicia um estudo significativo da língua(gem) e muito menos de gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Essa compreensão da noção de gênero está pautada em Bakhtin, o qual expõe que: “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” (BAKHTIN, 2003, p. 262, grifo do autor). Desse modo, avaliamos que toda atividade de interação verbal responde a um determinado gênero discursivo. Portanto, é por meio dos gêneros que organizamos nossa fala e escrita, isto é, que se torna viável a interação verbal, seja por meio de uma modalidade ou de outra. Todavia, o mesmo autor ressalta que “*em termos práticos*, nós os empregamos de forma

segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente a sua existência.” (BAKHTIN, 2003, p. 282, grifo do autor). Tais palavras nos possibilita interpretar que, menos desconhecendo, teoricamente, como ocorre a produção de gênero, o produzimos constantemente, em todas as situações de interação, sejam elas orais ou escritas, verbais e não verbais. Isso faz com que os gêneros sejam diversos, pois cada situação de interação verbal, cada posição social e relação pessoal entre os participantes da comunicação, cada esfera da atividade humana, determinam os gêneros discursivos em uso.

Este instrumento da interação discursiva, ou seja, os gêneros, é utilizado por nós de modo mais ou menos consciente, com maior ou menor competência. Como salienta Bakhtin (2003), uma pessoa pode dominar magnificamente uma língua em uma esfera socialmente privilegiada como a científica, porém pode apresentar dificuldades em outros campos da comunicação cotidiana, intervindo de forma desajeitada em uma conversa mundana. Sobre esta situação, não está em jogo a pobreza vocabular e/ou estilística, mas a inabilidade para usar os gêneros da conversa mundana.

Todavia, podemos encontrar o inverso do exemplo dado. Mas a questão não está na ação de privilegiarmos alguns gêneros como melhores e outros como piores para uma sociedade, e sim na questão:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso.

[...] os gêneros do discurso: estes são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto as formas da língua. (BAKHTIN, 2003, p. 285).

Acreditamos que é sobre esta compreensão que os PCN de LP propõem os enunciados concretos como objeto de ensino e, então, prescrevem que o ensino de língua deva ser orientado por dois eixos básicos: uso de língua (oral e escrita) e reflexão sobre a língua e a linguagem; os quais devem se consolidar no exercício das práticas de leitura/escuta, produção textual e análise linguística de textos, tanto na modalidade oral como na escrita (BRASIL, 1998).

A proposta se apresenta como uma revisão dos métodos de ensino e com a proposição de práticas que possibilitem ampliar a competência linguístico-discursiva dos alunos do ensino básico. Em outras palavras, faz-se necessário desenvolver um trabalho com os saberes que o falante/intérprete possui sobre a língua e os saberes sobre os recursos expressivos da língua(gem).

Da mesma forma, salienta-se nas DCE de LP, que “é tarefa da escola possibilitar que seus alunos participem de diferentes práticas sociais que utilizem a leitura, a escrita e a oralidade, com a finalidade de inseri-los nas diversas esferas de interação” (PARANÁ, 2008, p. 48).

Para tanto, as DCE orientam que a ação pedagógica com a língua deva ser pautada nos gêneros, pois é a partir desse objeto de ensino que a escola encontra meios para promover um espaço em que os estudantes possam ter acesso a uma gama de textos com diferentes funções sociais. Assim, a prática pedagógica deve estar voltada para exercícios de leitura, de oralidade, de escrita e de análise linguística com gêneros

literários e não-literários, pertencentes à modalidade escrita e oral, que circulam socialmente; e não em textos produzidos especificamente para o ensino. Quanto ao conteúdo estruturante da disciplina, este é, segundo as DCE (PARANÁ, 2008), o discurso como prática social, ou seja, toda a atividade comunicativa, considerando, principalmente, os gêneros de maior exigência na sua elaboração formal.

Da mesma forma, o Currículo dos anos iniciais, da região Oeste (AMOP, 2007) aponta para os gêneros como objeto de ensino, pois se compreende que é o acesso a este instrumento da comunicação humana, a partir das múltiplas formas de manifestação da linguagem, que pode contribuir para a formação de sujeitos capazes de interagir em diferentes situações.

Diante dessa compreensão – em que três documentos oficiais preconizam um ensino de língua pautado na teoria dos gêneros discursivos, tanto na modalidade escrita como na oral –, sentimos a necessidade de investigar como está sendo proposto o trabalho com gêneros orais em cursos de formação inicial e continuada de professores de LP; e como este conhecimento está sendo compreendido e proposto, didaticamente, pelos futuros e/ou efetivos professores de LP, para o ensino fundamental e médio?

Ao começar a levantar bibliografias sobre gêneros orais e ensino, e que correspondam a uma concepção sociointeracionista e discursiva de língua(gem), encontramos como referência, publicadas em língua portuguesa, apenas os estudos de Marcuschi (2003; 2008), Dolz e Schneuwly (2004), Schneuwly e Haller (2004). A complementar, encontramos um significativo estudo sobre a análise da conversação, porém não sobre a perspectiva teórica dos gêneros discursivos, organizado por Preti (2003 v.1; 2005; 2006 v.3; 2006 v.4; 2003 v.5) e com relação ao ensino da modalidade oral, encontramos as obras de Castilho (1998), Fávero, Andrade e Aquino (2007) e Marcuschi (2001). Diante dessas constatações e da necessidade de aprofundar o conhecimento sobre os gêneros discursivos no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – nível de Mestrado, da Unioeste, *campus* de Cascavel, mas especificamente na Linha de Pesquisa *Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino*, nos inquietamos ainda mais por estudar o assunto e propor, caso necessário, algumas orientações para o ensino-aprendizagem de gêneros orais.

4 - Metodologia que orientará a pesquisa

Para compreender como ocorrem e com que compreensão as discussões sobre gêneros orais na formação continuada, investigaremos professores, representantes de área, de municípios da região oeste do Paraná, que participam do curso de Formação Continuada de LP, promovido pela AMOP. Os encontros acontecem todos os anos, desde 2005, possibilitando um estudo contínuo sobre a concepção sociointeracionista e, conseqüentemente, sobre os gêneros.

Em se tratando da formação inicial, os investigados serão os alunos do 3º ano do curso de Letras da Unioeste, *campus* de Cascavel, de 2010. Este ano de ensino foi selecionado tendo em vista que os alunos estão no segundo ano de estágio curricular supervisionado, período em que a maior carga horária de Estágio supervisionado recai para Língua Portuguesa.

Para responder ao objetivo geral delimitado, acreditamos ser necessário,

primeiramente, analisar os documentos que orientam os referidos cursos de formação inicial e continuada, como:

- o Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras, que prescreve sobre a concepção de língua que deve orientar a formação dos futuros docentes de LP;
- as DCE, por ser o documento, em âmbito estadual, que orienta a ação de docentes de LP no exercício de sua função;
- o Currículo Básico dos anos iniciais da região Oeste, uma vez que um grande número de docentes formados em Letras atuam nessa fase do ensino;

Acreditamos que a análise interpretativa desses documentos contribuirá para identificar os princípios que orientam estes cursos e o que está sendo proposto para o ensino de gêneros orais.

Com base nesse conhecimento, passamos para a segunda etapa da pesquisa que é identificar se um trabalho com gêneros, no ensino fundamental e médio, está sendo previsto e qual a importância que o público investigado dá a esse trabalho. Para isso, os instrumentos de coleta de dados serão:

- Questionário estruturado com quatro questões abertas;
- Plano de trabalho, solicitado aos docentes em processo de formação continuada, para identificar qual a compreensão e o consequente planejamento, no âmbito da escola, para um trabalho com gêneros orais. Este instrumento deve conter o objetivo geral da prática de ensino, a descrição do encaminhamento das atividades, com respectivos objetivos específicos, previsão de tempo de trabalho, descrição da avaliação e referências bibliográficas.

A partir da interpretação das informações que compõem os documentos que orientam os cursos em estudo, o questionário estruturado e os planos de trabalho, buscaremos analisar se o exposto está respondendo aos princípios de uma concepção sociointeracionista e discursiva de língua(gem) e à teoria dos gêneros discursivos.

Os resultados dessa análise interpretativa nos revelarão se é necessário, ou não, propor possíveis encaminhamentos de trabalho com gêneros orais na sala de aula.

Como os dados a serem coletados se tratam de documentos (Projeto Político Pedagógico, Diretrizes Curriculares Estaduais – DCE –, Currículo Básico dos anos iniciais da região oeste – CBEPM –, Planos de trabalho) e questionário estruturado com questões abertas, classificamos a investigação como qualitativa, pois visamos, a partir da descrição, empregar uma análise interpretativa, o que implica, segundo André (1995), a manifestação de determinados valores sociais sobre os dados.

A análise interpretativa, conforme Severino (1996), se caracteriza em identificar o(s) posicionamento(s) que se materializa(m) nos documentos em estudo, e, posteriormente, relacioná-lo(s) ao(s) pressuposto(s) que este(s) posicionamento(s) implica(m), bem como a uma crítica a partir dos princípios que orientam nossa pesquisa, neste caso, a concepção sociointeracionista e discursiva de língua(gem) e a Teoria dos gêneros discursivos.

Como partimos da materialidade para a interpretação da realidade, classificamos nosso estudo numa abordagem dialética. Para Gil (1999), esta abordagem se

fundamenta na ação de tratar da totalidade, buscando estudar os conflitos que a constitui, ou seja, reconhecer a tese e a antítese, não como dicotomias, mas como partes que integram o todo. No que tange ao estudo em questão, pretendemos olhar para o processo de formação e as compreensões sobre uma abordagem com gêneros orais como partes que integram um planejamento de trabalho didático com este instrumento, e, reconhecer os conflitos epistemológicos que este planejamento revela. Assim, acreditamos ser possível compreender como está se dando o processo de mudança. Todavia, este processo não é algo que apresenta uma estabilidade, mas é um movimento contínuo de transformação da realidade. Para tanto, busca-se explicá-la a partir de um contexto sócio-histórico situado e que o constituiu.

5 - Considerações Finais

Almejamos que os resultados dessa pesquisa possam ampliar o conhecimento teórico-prático sobre gêneros orais e sua aplicabilidade no ensino de LP, já que é evidente a real necessidade de se trabalhar também com gêneros orais na sala de aula.

Se primamos por um ensino que desenvolva as capacidades linguístico-discursivas dos alunos, precisamos lembrar que tais habilidades não são exclusivas da escrita. Quando produzimos um texto oral, é necessário observar o domínio (ou não) dessa capacidades.

Assim, entendemos como necessária e importante desenvolver uma pesquisa que trará dados sobre o processo de formação do professor em relação ao trabalho com o gênero oral, ou seja, que investigue como a formação inicial e a continuada têm abordado esse conhecimento durante o percurso formativo do professor que trabalha com a LP na Educação Básica.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

AMOP. Associação dos Municípios da Região Oeste do Paraná. *Currículo básico para a escola pública do Paraná: educação infantil e ensino fundamental (anos iniciais)*. Cascavel: Assoeste, 2007.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____; VOLOCHÍNOV, F. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In:

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007. p. 37-46

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – língua portuguesa*. v. 2. Brasília: MEC/SEF, 1998

CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, A.P.; BEZERRA, M. A. *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PARANÁ. Secretaria do Estado do Paraná. Superintendência da Educação. *Diretrizes curriculares de língua portuguesa para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio*. Secretaria de Estado da Educação. Curitiba: SEED, 2008.

PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 6. ed. v. 1. São Paulo: Humanitas, 2003.

_____. *O discurso oral culto*. 3. ed. v. 2. São Paulo: Humanitas, 2005.

_____. *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. 3. ed. v. 3. São Paulo: Humanitas, 2006.

_____. *Fala e escrita em questão*. 3.ed. v. 4. São Paulo: Humanitas, 2006.

_____. *Interação na fala e na escrita*. 2. ed. v. 5. São Paulo: Humanitas, 2003.

SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; e colaboradores.

II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem:
Diversidade, Ensino e Linguagem

06 a 08 de outubro de 2010
UNIOESTE - Cascavel / PR

Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico.* 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.